

A construção da identidade cristã pela Jóns saga helga

Arno Maschmann de Oliveira¹

André Araújo de Oliveira²

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i23.29527

Resumo: O presente artigo é resultado de análises iniciais, tem como objetivo explicar a construção da identidade cristã por meio de um processo de alterização das práticas pré-cristãs. Para isso utilizaremos a *Jóns saga helga*, a saga do santo Jón, que narra a vida e milagres do primeiro bispo de Hólar. Por meio dos conceitos de Marginalização de Le Goff (2010) e Identidade de Woodward (2000), demonstraremos que a construção da identidade cristã foi um fenômeno paralelo a estigmatização dos costumes e práticas pré-cristãs

Palavras chave: Islândia, Cristianização, Bispo.

The development of the christian identity through the Jóns saga helga

Abstract: This article is the result of early analysis, aims to explain the construction of Christian identity through an othering process of pre-Christian practices. For this we use the *Jons saga helga*, the saga of St. Jón, which chronicles the life and miracles of the first bishop of Hólar. Through the concepts of marginalization of Le Goff (2005) and Woodward's Identity (2000), we will demonstrate that the construction of Christian identity was a parallel phenomenon of stigmatization of pre-Christian customs and practices

Keywords: Iceland, Christianization, Bishop.

La construcción de la identidad cristiana a través de la Jóns saga helga

Resumen: Este artículo es resultado de las análisis iniciales, tiene como meta explicar la construcción de la identidad Cristiana a través de un proceso de otredad de las prácticas pre-cristianas. Para eso utilizamos la *Jóns saga helga*, la saga del santo Jón, que narra la vida y milagros del primero bispo de Hólar. A través de los conceptos de marginación de Le Goff (2010) y Identidad de Woodward (2000), se demuestra que la construcción de la

¹ Prof. Dr. aposentado da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: arno_m_o@hotmail.com

² Mestre pela Universidade Federal do Maranhão, membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). E-mail: andre3k.oliveira@gmail.com

identidad Cristiana era una estigmatización paralela de los costumbres y prácticas precristianas.

Palabras – clave: Islândia, Cristianización, Obispo.

Recebido em 05/09/2014- Aprovado em 30/09/2015

A história da Islândia³ se inicia tradicionalmente com sua colonização⁴. A historiografia delimitou o período da colonização tendo como advento a chegada dos primeiros colonos vindos das Noruega em 874 até a primeira *Alþing*⁵ da ilha em 930. Grande parte da história inicial da Islândia foi preservada na *Íslendingabók*⁶ e na *Landnámabók*⁷. A ilha foi colonizada por noruegueses que buscavam novas terras fora do domínio do Haroldo Cabelos-Belos⁸, o primeiro rei que ascendeu no poder na região da Noruega.

Junto com os primeiros colonizadores veio a crença dos seus antepassados em deuses como Odin, Thor e Loki⁹. Esta religiosidade tinha a característica de ser politeísta, sem dogmatismo e heterogênea. A crença escandinava pré-cristã, apesar de estereotipada pela mídia e sociedade contemporânea, não era produtora de discursos únicos, mas uma miríade de versões sobre a mesma história e possivelmente de diferentes interpretações dos mesmos deuses. Essa religiosidade chegou a nós na contemporaneidade por meio de

³ A Islândia é um país nórdico insular europeu situado no oceano Atlântico Norte. Possui uma área de 100 mil km², oscilando sua elevação do nível do mar até 2,1 km de altitude no *Hvannadalshnukur*. O país apesar de seu pequeno tamanho possui 14 vulcões ativos, que constituem grande parte de seu território, e as temperaturas oscilam entre -3°C no inverno e 13°C no verão. A ilha central que constitui o país está a 970 km da Noruega, a região continental europeia mais próxima. Para se ter uma perspectiva, o país tem a área de aproximadamente a mesorregião do Centro-Sul Mato-grossense (CIA, 2015).

⁴ Autores como a Lesley Abrams (2012), analisam esse fenômeno de migração dos povos oriundos da Escandinávia com o conceito de diáspora, em vista que na historiografia contemporânea a migração de povos para terras além-mar se tornou um objeto de análise. Além da colonização da Islândia, também se pode incluir na diáspora escandinava a colonização da Groelândia e do Canadá.

⁵ Em português pode-se traduzir como Assembleia Geral.

⁶ Livro dos Islandeses, é uma produção do início do séc. XII do monge Ari Þorgilsson. O livro é dividido em 9 partes e uma genealogia. Ele descreve: as razões para a colonização; como as leis chegaram a ilha; a constituição da *Alþing*; a colonização e descoberta da Groelândia; a conversão para o cristianismo; e os primeiros bispos da ilha; entre outras coisas (HOLMAN, 2003, p.50).

⁷ O Livro da Colonização, descreve em 100 capítulos como a ilha foi encontrada, seus primeiros colonizadores assim como uma genealogia dos seus primeiros habitantes. Sua autoria é desconhecida, a hipótese mais aceita é sua produção coletiva durante as *Alþing* (HOLMAN, 2003, p.50).

⁸ Haroldo Cabelos-belos, também conhecido como Haroldo I, foi o primeiro rei do que hoje é entendido como a Noruega. Ele conseguiu “unificar” o poder 870 e reinou até sua morte em 930. Antes da unificação do poder, a política local era controlada por vários poderes locais. Com a vitória do Haroldo I em uma série de batalhas o poder da região, antes dividido entre vários reinos, viu-se pela primeira vez unificado em uma só dinastia (HOLMAN, 2003, p.119).

⁹ O que hoje é entendido como a religiosidade ou religião, na Escandinávia medieval era vista como os costumes ou hábitos, o *síðr*. A conversão, *síðaskipti*, para os islandeses foi uma mudança dos antigos costumes, *fornsíðr*, para os novos costumes, *nýrsíðr* (OLIVEIRA, 2015, p. 111).

escritos cristãos do século XII em diante, produzidos na Islândia que havia sido convertida a aproximadamente 2 séculos (LANGER, 2005, p.168).

O cristianismo chegou à Islândia antes do início das migrações massivas vindas da Noruega. A ilha já era habitada escassamente por pessoas vindas de outras regiões como Escócia e Inglaterra. Dentre seus primeiros habitantes, se tem conhecimento da presença de monges possivelmente vindos da Irlanda ou Escócia¹⁰. Esses primeiros cristãos abandonaram a ilha antes da chegada dos colonizadores sendo que seus vestígios (cruzes, sinos e livros) ainda estavam presentes.

A primeira tentativa de evangelização da ilha ocorreu, segundo os registros escritos, com a atividade missionária do Porvald Korðransson e o bispo Freferik da Saxônia, ambos enviados pelo Arcebispo Adalgad de Bremen no final do século X. A evangelização não foi muito efetiva, principalmente após o assassinato de dois homens, resultando na necessidade de fuga da ilha de ambos missionários. A ilha voltaria a ter atividade missionária uma década depois, contudo a evangelização foi igualmente ineficiente. Os evangelistas enviados pelo rei norueguês Olavo I, destruíram vários locais de culto pré-cristão e se viram obrigados a escapar da ilha (BRINK, 2008, p. 624).

A cristianização da Islândia só iria ocorrer de fato no verão de 999¹¹. Quando dois islandeses cristãos exilados¹², GizzurHvít e HjaltiSkeggjason, voltaram sem permissão e se dirigiram a *Alþing*¹³ para falar com todos os *goðar*¹⁴. Na assembleia os dois propuseram a cristianização da Islândia para aplacar a ira de Olavo I. Isso se deve, em que anos anteriores, com o retorno dos evangelistas, que comunicaram a falha na tentativa de

¹⁰ Achados arqueológicos referentes a 2002 discorrem sobre a presença de comunidades cristãs isoladas de origem Gaélica (AHRONSON, 2009). Agrega-se a essa informação a narrativa presente na *Íslendingabók* e *Landnámabók* sobre a presença de cristãos que existiram na ilha.

¹¹ A data em questão ainda é um tema de debate na historiografia, onde na mais contemporânea (BOYER, 2004; SELF, 2010; SANMARK, 2004; VÉSTEINSSON, 2000; WILLIAMS, BIBIRE, 2004) defende-se a data de 999 ao invés do tradicional ano 1000.

¹² Por blasfemar os deuses.

¹³ A *Alþing* foi o coração do sistema político islandês. Sendo estabelecida em 930, foi estruturada com base no *Guláþing* norueguês. A *Alþing* era realizada em uma planície, conhecida como *Þingvellir*, no qual todos homens livres, não exilados, poderiam participar. A reunião ocorria durante duas semanas durante o solstício de verão para resolver disputas e querelas que não poderiam ser resolvidas nas assembleias distritais, *þing*. Se o debate não chegasse a um ponto comum a decisão sobre o caso, ou queixa, seria responsabilidade do *logsgumadr*. O *logsgumadr* era um cargo eletivo e rotativo, no qual um *goði* poderia ser eleito para um mandato de 3 anos, onde ele deveria pronunciar a cada *Alþing* um terço das leis (HOLMAN, 2005, p. 26-27).

¹⁴ Os líderes locais eram chamados de *goði*, no singular *goðar*. A historiografia se divide em duas vertentes sobre a ótica que deve tomar sobre a evolução das relações políticas. A primeira a se utiliza da *Grágás*, primeiro conjunto de leis islandesas, para defender que o número de *goði* aumentou de 36 para 39 durante os primeiros anos da ilha pós-colonizada. A segunda interpretação historiográfica analisa as *Íslendingasögur*, sagas de família, e apresenta a leitura de que o número de chefes reduziu de 60 até 20. Mas ambas as vertentes historiográficas concordam com a centralização do poder após o advento da interferência política norueguesa em 1220. Era visto como vantajoso para um *goðar* se tornar membro da *hird*, “corte”, real. Progressivamente os líderes islandeses foram se vinculando a *hird* em troca do seu *goðorð*, “direito de chefia”, ou dando permissão para administrar o *goðorð*. Com a posse de todos os *goðorð* em 1264 o rei anexou a região a Noruega por meio do juramento mandatório de fidelidade ao rei, *konungr* (SIGURDSSON, 2008). Na Islândia pré-cristã os *goðar* também possuíam uma função no culto a deuses específicos no edifício de culto chamado de *hof*. (SUNDQVIST, 2008, p. 224)

converter o povo islandês, o rei prometeu matar os islandeses que estavam na Noruega. Desta forma, Gizzur e Hjalti, se ofereceram para levar o cristianismo para a ilha e assim salvar seus conterrâneos¹⁵.

A *Alþing* do verão de 999 foi muito agitada. Discussões acaloradas quase levaram ao derramamento de sangue na terra considerada sagrada. No final, foi decidido que todos deveriam ser cristãos e os não batizados se batizariam. Entretanto três práticas seriam mantidas: o infanticídio de recém-nascidos por meio da exposição¹⁶; comer carne de cavalo¹⁷; e o sacrifício aos deuses deveria ser feito em segredo¹⁸. Essas práticas seriam abandonadas alguns anos depois, principalmente após participação mais ativa dos missionários e bispos na sociedade islandesa.

A cristianização da Islândia é vista por meio da historiografia tradicional como um processo pacífico. A compreensão da violência na conversão é uma teoria recente, sendo apresentada pelo artigo de Kathleen M. Self (2010). Neste artigo a autora analisa o conflito na conversão dos islandeses, descritos pelos mesmo nas narrativas medievais, através de discursos coercivos, que possuem uma violência intrínseca. Usando uma documentação diferente da analisada nessa pesquisa, a autora apresentou um pilar para esse projeto, no qual, a cristianização da Islândia não foi pacífica, apesar do pouco derramamento de sangue, a violência dessa mudança de costumes está nos discursos clericais que buscavam continuamente à conversão dos ainda não cristãos.

É imperativo ressaltar que compreendemos uma diferenciação entre conversão e cristianização. O conceito de conversão e cristianização é um termo que causa muita confusão, sendo que, uma das fontes desta confusão é sua definição. James C. Russell (1994) compilou uma análise das definições, no qual inicialmente “conversão” é a modificação comportamental e ideológica do indivíduo, resultando em uma nova visão de mundo¹⁹. Arthur Darby Nock (1933) adiciona a essa reflexão que a conversão implica numa grande mudança consciente, que o antigo é errado e o novo é certo (SANMARK, 2004, p.13).

O primeiro bispado islandês se iniciou em 1056 na cidade de Skálholt. O primeiro bispo da Islândia, Ísleifr Gizurarson, foi nomeado pelo arcebispo de Hamburgo

¹⁵ A narração dos eventos segundo a documentação claramente apresenta juízo de valor e, sendo assim, tendenciosa. Contudo, ainda serve como referência para a cronologia dos fatos, em vista que outras documentações reforçam a versão da *Íslendingabók*.

¹⁶ Os islandeses tinham a crença de um equilíbrio da população da ilha seria necessário pois os recursos naturais não eram muito vastos (ZORICH, 2007, p.48). Essa mesma reflexão foi utilizada durante a cristianização da ilha na *Alþing* de 999. A proposta inicial foi a criação de uma lei para os cristãos e outra para os pagãos, contudo após refletir sobre a situação o *logsgjafmaðr* decidiu por uma só lei para todos. A unidade da identidade era imperativa para os islandeses (GARIPZANOV, 2014).

¹⁷ Prática vinculado ao *blót*, sacrifício animal na religiosidade pré-cristã (LANGER, 2011, p. 8).

¹⁸ Característica peculiar na cristianização da Islândia. Apesar de oficialmente terem se cristianizado, as práticas de seus antepassados permaneceram. Deixando claro que o batismo foi um claramente político, e não desejava alterar as práticas dos seus antepassados.

¹⁹ Entre a vasta produção historiográfica nacional o professor Ruy de Oliveira Andrade Filho (2009) realiza exposição no qual diferencia ambos os conceitos problematizando a conversão do Reino Visigodo ao catolicismo.

– Bremen Adalberto de Bremen. Ísleifr, durante seu tempo de ofício, introduziu o cristianismo e deu o advento à comunidade cristã na ilha. Na sede episcopal, localizada nos terrenos de sua família, ele fundou uma escola que instruiria Jón Ögmundarson. Jón²⁰, aos 54 anos, assumiria a responsabilidade de criar o segundo bispado da Islândia em Hólar em 1106.

Orri Vésteinsson no seu livro (2000) e tese de doutorado (1996), analisou as relações políticas e as mudanças sociais na Islândia durante os primeiros 5 séculos depois da chamada cristianização oficial. Vésteinsson defende uma forte presença e influência política na nomeação dos bispos²¹, assim como a produção seletiva de informações na compilação de documentos escritos. Além do trabalho impressionante de Vésteinsson o segundo grande trabalho sobre a cristianização da Islândia foi a pesquisa de Dag Strömbäck (1975), o qual, apesar de datado, pode ser entendido como um dos maiores trabalhos sobre a cristianização da Islândia.

Vésteinsson e Strömbäck são os dois grandes pesquisadores que dedicaram suas pesquisas para o recorte da conversão e cristianização da Islândia. Desde então não se tem mais uma pesquisa historiográfica significativa sobre o tema. Deixando um leque historiográfico jamais trabalhado no exterior, e principalmente no Brasil, a problematização da construção da Identidade islandesa, não por meio dos debates políticos, mas delimitada pela religiosidade²². A indagação de como ocorreu a construção da identidade cristã na conjuntura social da Islândia recém convertida?

O cristianismo que buscaremos como resultado do processo de conversão, não é o mesmo que chegou à Escandinávia, mas o resultado de um possível sincretismo²³, modificada pela sua nova realidade e meio social como produto de um diálogo desigual com os costumes religiosos pré-cristãos²⁴. No qual, esse cristianismo é resultado do hibridismo não sendo uma mistura harmônica, mas uma mesclade poderes e influências desiguais, resultando em uma apropriação dos hábitos religiosos pré-cristãos (BURKE, 2013, p.41). Apesar de partilhar o local e diversos aspectos da cultura em suas vidas

²⁰ Alguns anos após sua morte ele seria canonizado no ano de 1200 (ÁRNASON, 2003).

²¹ Ísleifr Gizurarson era um godar, possuindo assim claro poder político nas *Bing* e *Alþing*. Ele foi o filho de Gizzur com sua terceira esposa, *godí* que teve papel fundamental na cristianização da ilha na *Alþing* de 999. Ao morrer com em 1080 teve o legado continuado pelo seu filho Gissur Ísleifsson no bispado de Skálholt e sua aluno, Jón, no novo bispado de Hólar (VÉSTEINSSON, 2000, p.21).

²² Uma outra pesquisa, mais singela, sobre a construção da identidade na Escandinávia medieval foi a do Ármann Jakobsson (2009), na qual a alimentação é um elemento de criação de identidade cultural no norte europeu.

²³ Esse novo cristianismo sincrético não é uma realidade somente na Islândia mas ocorreu em outros locais, como por exemplo na Noruega. Ao realizar análises arqueológicas dos túmulos e dos martelos de Thor, a professora Nordeide (2007) encontrou uma tendência, no qual os martelos de Thor serviriam como um indicador do avanço do cristianismo na Noruega, do sudeste ao norte, assim como os túmulos. Os túmulos com o avanço do cristianismo apresentavam características cristãs e pré-cristãs. Como túmulos enterrados em Igrejas com indícios de culto nórdico e túmulos cristãos enterrados a forma pré-cristã.

²⁴ Essa reflexão surgiu a partir da leitura de uma comunicação realizada na 13ª Internacional Saga Conference, no qual foi trabalhado elementos do imaginário pré-cristão nas sagas de bispos (MCCREESH, 2006).

cotidianas ocorre uma síntese de uma nova identidade cristã²⁵ (WOODWARD, 2000, p.8).

A *Jóns saga helga*, foi composta originalmente em Latim na forma de *Vita*. Contudo, o original em latim se perdeu, deixando para a contemporaneidade somente a versão transcrita para o Nórdico Antigo. A Saga do santo Jón apesar de ser entendida como um texto único, existem três versões diferentes: A *Jóns saga helga* S²⁶ possui somente uma tradução para o inglês, no mesmo compêndio que as *Guðmundarsögur*²⁷ produzido em 1905 por Gudbrand Vigfusson e F. York Powell; A *Jóns saga helga* L²⁸ por ser uma revisão do texto original está presente também na tradução de 1905, mas somente alguns trechos e não sua totalidade. Outro local aonde é possível encontrar trechos da documentação traduzida é numa tradução de 1965 feito por Jacqueline Simpson; por fim, a *Jóns saga helga* H²⁹ é uma edição integral da primeira saga com mais milagres inclusos, que infelizmente só possui uma tradução “recente” para o Dinamarquês que dificulta a sua análise (WOLF, 2013, p. 180-197).

A documentação é claramente tendenciosa e teleológica para o futuro do bispo. Antes mesmo de nascer ele seria levado à grandiosidade, pois sua mãe era a filha de um dos primeiros homens que aceitou o cristianismo (JÓNS SAGA HELGA, p.536). Quando criança, sua família visitou a corte do rei dinamarquês Suêno I, e lá a rainha o defendeu de sua mãe, que desejava bater em suas mãos por se comportar mal, dizendo que possuía mãos de bispo (JÓNS SAGA HELGA, p. 537). Nessa mesma visita o bispo tocou uma música na harpa real, que lhe foi ensinada pelo rei Davi, a qual emocionou o rei que o convidou a permanecer mais tempo com ele (JÓNS SAGA HELGA, p. 542). A

²⁵ Essa nova identidade cristã, construída para os antigos seguidores da religiosidade pré-cristã é a osmose gradual de elementos de ambas religiosidades, pré e cristã, pois segundo a ótica de Garipzanov (2014) auxiliaria no processo de transição de uma religiosidade mais tradicional para o cristianismo recém-chegado (GARIPZANOV, 2014, p. 3).

²⁶ É a versão mais antiga da saga sobre o Bispo Jón Ógmundarson, provavelmente foi escrita em associação com a *Vita* latina de Gunnlaugr Leifsson comissionada pelo bispo Guðmundr Arason. Sendo que esta saga pode ser considerada uma versão resumida da sua *Vita*. Essa saga é composta pelos manuscritos: AM 221 fol.(ca. 1275–1300, defective), AM 222 fol.(ca. 1700), AM 234 fol.(ca. 1340), AM 235 fol. (ca. 1400, defective), AM 391 4to (ca.1690), AM 393 4to (ca. 1700), BLAdd 4867 (ca. 1675–1700), BLAdd 5313 (ca. 1750–1800), Kall 616 4to (ca. 1700–1800), Kall 618 4to (ca. 1725–50), Kall 619 4to (ca. 1750–1800), Lbs 839 4to (ca. 1750–75), Lbs 1442 4to (ca. 1725), Lbs 2243 4to (ca. 1840–50), NBO 367 4to (ca. 1700–1800), NKS 1201 fol. (ca. 1700–1800), NrA 57 (ca. 1330), rask 30 (ca. 1800), TCD 1028 (ca. 1750), and Thott 1770 4to (ca. 1750–1800, defective) (WOLF, 2013, p.180).

²⁷ Sagas de Guðmunr, outro bispo islandês que teve sua vida e milagres registrados pelas *biskupasögur*. Guðmundr foi bispo de Hólar de 1203 até 1237.

²⁸ Uma versão revisada do início do século XIV, baseado na sua primeira versão mas lembra a terceira versão da saga. Composta pelos manuscritos: AM 205 fol.(1644), AM 210 fol. (ca. 1600–1700), AM 219 fol.(ca. 1370–80, defective), AM 396 fol. (1676), AM 392 4to (ca. 1600–1700), Don. var. 1 vol. XII (ca. 1700), JS 21 fol. (1841), JS 629 4to (ca. 1825–50), Lbs 140 4to (ca. 1750–90), Lbs 671 4to (1846–8), Lbs 795 4to (ca. 1700–1800), Lbs 1402 4to (ca. 1852), Lbs 1573 4to (ca. 1820–30), NKS 1202 fol. (1768), NrA 57 (ca. 1330), Stock. Papp. fol. no. 2 (1689), Stock. Papp. 4to no. 4 (ca. 1600–50), Stock. Perg. fol. no. 5 (ca.1350–65), and Thott 1748 4to (ca. 1760–70) (WOLF, 2013, p.186).

²⁹ Composta pelos manuscritos: AM 392 4to (ca. 1600–1700) and Stock. Papp. 4to no. 4 (ca. 1600–50) (WOLF, 2013, p.193).

compilação da documentação possui um claro juízo de valor e intencionalidade na sua produção, a defesa da sacralidade do bispo perante os leitores de sua *Vita*.

O bispo Jón tem sua *Vita* repleta de milagres, desde a sedimentação das bases para construção da Igreja até o momento de sua morte. Ao ser escolhido o local que a Igreja seria erigida, Jón colocou sua capa no chão e o gelo que impedia a construção da Igreja derreteu e a grama voltou a crescer (JÓNS SAGA HELGA, p. 560). Ao morrer o santo impôs sua vontade nas pessoas que carregavam seu corpo pela forma de uma imobilidade o qual só autorizou a movimentação do corpo após o retorno do seu anel episcopal (JÓNS SAGA HELGA, p. 567).

Durante seu bispado Jón causou mudanças na relação dos cristãos os seguidores dos antigos costumes, essas mudanças auxiliariam na constituição das comunidades cristãs e do sentimento de unidade. No seu primeiro ano como bispo andou por sua diocese, “ele repreendeu os homens maus com o poder que lhe foi dado por Deus, e fortaleceu os homens bons³⁰” (JÓNS SAGA HELGA, p. 550). Ele construiu uma escola na sede episcopal e contratou um homem de Gotland para ensinar os futuros membros do clero (JÓNS SAGA HELGA, p. 552).

Por meio do convívio e da mudança de práticas o cristianismo foi progressivamente se tornando parte do cotidiano local eram realizados banquetes na sede episcopal, no qual se lia a Bíblia, assim aumentando o contato de uma população leiga com os textos sagrados (JÓNS SAGA HELGA, p.552). Nos anos seguintes ele se tornou mais incisivo na sua oposição às práticas pré-cristãs. Evitava contato com os não cristãos (JÓN SAGA HELGA, p. 553), incentivou os cristãos a rezarem cotidianamente (JÓNS SAGA HELGA, p. 533-554).

Finalmente, o bispo proibiu todas as práticas não vinculadas ao cristianismo, nos quais sacrifícios, mágicas e amuletos deveriam ser evitados. As práticas não cristãs, chamadas de maléficas, se tornavam algo a se evitar, pois tinham uma carga “contaminadora”. Na sedimentação da identidade cristã e na delimitação do “correto”, o bispo estabeleceu implicitamente e explicitamente o “incorreto”. A potência “poluidora” do signo, que retira a ordem do universo é explicitada por Mary Douglas (2001) quando a mesma discorre sobre a Impureza ritualística.

Os objetos detentores de uma carga pejorativamente negativa levam a corrupção daqueles que os produzem. assim como se vinculam a eles (DOUGLAS, 2001, p. 22). Essa carga negativa é utilizada como uma ferramenta de marginalização, que no mundo medieval é exposta por Le Goff (2010, p.159) como “controlar ou de excluir aqueles que parecem representar um perigo para a ‘comunidade sagrada’”.

Classificamos o mundo social dividindo-o entre “nós” e “eles”, os “bons” e “maus”, classificando os indivíduos em oposições binárias, em que fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas de hierarquizar as identidades das diferenças. Onde a identidade é normatizada e a alteridade desnaturalizada, cria-se fronteiras sociais,

³⁰ Original: “... birte hann vándi menn af þrí velde es bónom vas gefet af Goðs haolfo, em styrkðe góða mann ok siðláta i maorgom godom blutom...”

como em uma sociedade cristã o não-cristão é alterizado, ou uma sociedade inicialmente não-cristã alteriza o novo credo (SILVA, 2000, p. 82-83).

A identidade não é algo nato, um indivíduo ou grupo de indivíduos não nascem com uma identidade, essa identidade é construída. Essa construção é tanto simbólica quanto social, onde a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos e pelos quais ela é apresentada. A identidade é relacional, dependendo de algo fora dela para existir, e sua síntese se dá, segundo Kathryn Woodward (2000) por meio da exclusão, da construção da diferença, em que a identidade se apresenta por aquilo que ela não é, e a diferença é sustentada pela exclusão: ao se integrar em uma identidade não se pode ser o oposto dela (WOODWARD, 2000, p.9-12).

O cristianismo na Islândia necessitou se posicionar em relação a religiosidade pré-cristã. A postura inicial foi gradativamente sendo substituído por uma postura antagônica mais marcada, que pode ser exemplificada na Saga do Santo Jón, onde gradativamente o bispo foi se tornando cada vez mais antagônico aos costumes pré-cristãos. O ápice desse antagonismo pode ser encontrado quando o bispo conclamou a alteração dos nomes dos dias da semana, vindos de uma tradição pré-cristã, para nomes sem cunho pagão (JÓNS SAGA HELGA, p. 554).

Referências bibliográficas

- ANÔNIMO. Jóns saga helga. Traduzidopor VIGFUSSON, Gudbrand e YORK POWELL, F. In: VIGFUSSON, Gudbrand e YORK POWELL, F. *Origines Islandicae: A Collection of the More Important Sagas and Other Native Writings Relating to the Settlement and Early History of Iceland*. Oxford: Clarendon, 1905.
- ANÔNIMO, *Hungrvaka*. Traduzidopor BASSET, Camille. Tese. Medieval Icelandic Studies. University of Iceland, 2013.
- ABRAMS, Lesley. Diaspora and Identity in the Viking Age. In: *Early Medieval Europe*. No. 20 (I). BlackwellPublishingLtd., 2012. p. 19 - 38
- ÁRNASON, Unnar. “Hver var Jón Ögmundsson?” *Vísindavefurinn*, 2003. Disponível em: <http://www.visindavefur.is/svar.php?id=3546>. Acessado em 15/01/2013.
- AHRONSON, Kristjan. *Viking-Age Communities: Pap-names and Pápar in the Hebridean Islands*. British Archaeological Report, 2009.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editoraunisinós, 2013
- BOYER, Régis. *Les Vikings: Histoire etcivilisation*. Paris: Perrin, 2004.
- BRINK, Stefan. Christianization and the emergence of the early church in Scandinavia. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. *The Viking World*. New York. Routledge, 2008. p. 621 - 628
- CIA. The World Factbook – Iceland. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ic.html>. Acessado em: 12/09/2015
- DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger: an analysis of concepts of pollution and taboo*. London: Routledge, 2001.

- GARIPZANOV, Ildar. Introduction: Networks and Conversion, cultural Osmosis, and Identities in the Viking Age. In: GARIPZANOV, Ildar (org.). *Conversion and Identity in the Viking Age*. Brepols Publishers, 2014.
- HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionaries of the Vikings*. Oxford: The Scarecrow Press Inc., 2003.
- JACKOBSSON, Ármann. Food and the North-Icelandic Identity in 13th Century Iceland and Norway. In: JAKOBSSON, Sverrir (org.). *Images of the North: Histories – Identities – Ideas*. 2009. p. 69-79.
- LANGER, Johnni. Revelando a religiosidade Viking. *Saeculum*. UFPB, v. 12, p. 167-171, 2005.
- _____. Pagãos e Cristãos na Escandinávia da Era Viking: Uma Análise do episódio de conversão da Njáls Saga. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- MCCREESH Bernadine. Elements of the Pagan Supernatural in the Bishops' Sagas. In: *13th International Saga Conference*. Durham: University of Durham, 2006.
- NOCK, Arthur Darby. *Conversion*. The Old and the New in Religion from Alexander the Great to Augustine of Hippo. Oxford, 1933.
- NORDEIDE, Sæbjørg Walaker. The Christianization of Norway. In: *Medieval Europe Paris: 4th International Congress of Medieval and Modern Archaeology*, 2007.
- OLIVEIRA, André A. Cristianização da Escandinávia. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: Símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Ed. Hedra, 2015. p.111 - 114
- RUSSELL, James C. *The Germanization of Early Medieval Christianity*, a socio-historical approach to religious transformation. Oxford, 1994. p. 272
- SANMARK, Alexandra. *Power and conversion – A comparative study of christianization in Scandinavia*. 2004. 320 f. Tese (Ph. D. Pelo Departamento de Arqueologia e História Antiga) – Uppsala University, 2004.
- SELF, Kathleen M. – Remembering our violent conversion. In: *ELSEVIER*. Vol. 40, 2010. Disponível em: www.elsevier.com/locate/religion.
- SUDQVIST, Olof. Cult leaders, rulers and religion. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. *The Viking World*. New York. Routledge, 2008. p. 223-226
- STRÖMBÄCK, Dag. *The Conversion of Iceland: A survey*. London: University College London. 1975.
- SIGURÐSSON, Jón Viðar. Iceland. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. *The Viking World*. New York. Routledge, 2008. p. 571-578
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença*, A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editoras Vozes, 2000.
- VÉSTEINSSON, Orri. *The Christianization of Iceland: Priests, Power and social Change 1000 – 1300*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença*, A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: EditorasVozes, 2000.
- WILLIAMS. Gareth; BIBIRE, Paul. *Sagas Saints and Settlements*. Brill: Leiden, 2004.
- WOLF, Kirsten. *The Legends of the Saints in Old Norse-Icelandic Prose*. Toronto: University of Toronto Press, 2013.
- ZORICH, Zach. Iceland's Unwritten saga. *Archaeology*. Volume 60, nº 2, março/abril 2007. p. 46 – 51